



# O TICUMBI: imagens e memória da Vila de Itaúnas

Luciana Alvarenga

ticumbi imagem  
memória Vila de Itaúnas

*O ticumbi se constitui como importante veículo de recriação do passado e de elaboração do presente. É através dessa expressão que as histórias de uma vila são construídas e reconstruídas, por meio de cultura que privilegia a oralidade, mas que se expressa na visualidade, trazendo à tona o imaginário local. O artigo é fruto da tese de doutorado em Artes Visuais (Imagem e Cultura)/UFRJ A festa e as representações culturais do ticumbi: imagens e tradições da Vila de Itaúnas, ES, sob orientação do professor doutor Rogério Medeiros.*

A Vila de Itaúnas<sup>1</sup> se localiza no extremo norte do Espírito Santo, praticamente na divisa com a Bahia. Um lugarejo bucólico de chão de terra batida, em que vivem cerca de 2.200 pessoas.<sup>2</sup> Nesse lugar, encontramos grande diversidade de manifestações culturais tradicionais, como o ticumbi, o jongo, o alardo, o reis de boi, além de processos produtivos artesanais como a confecção de cestos, barcos, farinheiras, entre outros. Nesse contexto, a vila se apresenta como um dos principais ‘palcos’ de representações das tradições<sup>3</sup> da região.

TICUMBI: images and memory of the village of Itaúnas | *Ticumbi, an Afro-Brazilian ritual, is an important event for recreating the past and preparing the present. It is through this folk expression that the stories of a village are built and rebuilt through a culture that appreciates the spoken word, but which is expressed in the visuality, bringing to the fore the local imaginary.*  
| **Ticumbi, image, memory, village of Itaúnas.**

Suas origens, porém, se perdem no tempo e na falta de documentos conclusivos e específicos sobre o assunto. Até meados do século 20, segundo histórias contadas pelos moradores mais antigos, a vila se resumia a duas ruas principais paralelas à praia – a de baixo e a de cima –, com castanheiras e gameleiras frondosas, cerca de 200 casas de estuque, rebocadas e assoalhadas, duas padarias, armazéns, um posto dos correios, uma escola, uma igreja na parte mais alta da vila e um cemitério. As casas eram geminadas e possuíam quintal nos fundos com árvores frutíferas, hortas, criação de galinhas e porcos. Contornando o povoado, o Rio Itaúnas era a principal via de comunicação com o mundo, e em suas margens ficavam os barcos dos pescadores.

Luciana Alvarenga  
A roda grande, 2010, arquivo digital  
Fonte: Alvarenga, 2011

Há cerca de 70 anos, porém, uma misteriosa e sutil catástrofe paulatinamente se abateu sobre o lugar. Tudo começou com uma areia fina a invadir as ruas, formando pequenos montes junto às paredes externas das casas. Areia que podia ser rapidamente removida com enxada ou pá sem grandes problemas até então. No entanto, ela começou a entrar portas adentro e se refugiar sob os móveis. E, sem que isso fosse percebido, a areia que antes estava restrita à praia, passou a dominar a paisagem. Enquanto se conseguia colocá-la para fora das casas e tirar os pequenos montes das ruas e da praça, a areia foi de certa forma tolerada. Havia dias, contudo, em que o vento ficava mais forte, e a areia chegava com mais volume. Com o passar do tempo, ela modificou completamente a fisionomia da vila, e os montes de areia tornaram-se cada vez maiores. A igreja e o cemitério foram os primeiros a ser soterrados. Com o passar dos anos, a vila inteira foi desaparecendo sob as enormes dunas.

Com esse processo, a população precisou tomar medidas drásticas: alguns foram embora para outras localidades, outros resolveram recriar e refundar a comunidade. A mudança da antiga vila para a nova, iniciada no final da década de 1950, quando os primeiros moradores resolveram abandonar o lugar, só veio a terminar com a saída dos últimos habitantes, em 1974, cerca de 15 anos depois. No processo do soterramento, a vila foi atravessando lentamente o Rio Itaúnas e se instalou na outra margem. Quando a mudança não se consubstanciava de modo literal e físico, utilizava-se a imagem do que havia antes na tentativa de construir algo semelhante ou parecido. Junto com cada pedacinho da vila antiga que passou para a nova vieram as histórias mágicas e ricas do passado local, além de inúmeras tradições culturais. Enquanto carregavam seus móveis e pertences, os moradores levavam sua história, seus costumes e sua cultura material.

Ininterruptamente durante mais de um século, todo mês de janeiro acontece a festa em homenagem a São Benedito e São Sebastião. Segundo os moradores mais antigos, celebrar os dois santos é também uma forma de precaução, de impedir que a nova vila e seus moradores sofram dos mesmos males e maldições que provocaram o soterramento da antiga Itaúnas. A festa é uma tradição desde os tempos do Império e da escravidão — nem o processo do soterramento conseguiu interrompê-la. A homenagem aos dois santos está presente no calendário anual do Município de Conceição da Barra e do Estado do Espírito Santo. Mas, São Benedito, ou São Bino, como o chamam seus devotos, possui calendário à parte, também anual, que se inicia com os ensaios dos grupos de ticumbi nas roças, nos meses de outubro e novembro.

### **A festa e o ticumbi**

A festa de São Benedito e São Sebastião é considerada o principal evento da região. Durante uma semana, ocorrem na vila apresentações, procissões, missas e diversos tipos de danças e encenações. O ticumbi é a principal manifestação cultural da festa, representando seu clímax e seu cerne. São os membros do ticumbi que desencadearão todos os processos e todas as ações do evento. Em processo não linear no qual ocorrem vários acontecimentos concomitantes, a festa se inicia com o último ensaio nas imediações da vila. O evento dura a noite inteira e culmina com procissão ao longo do rio e das ruas de Itaúnas.

O ticumbi<sup>4</sup> é a denominação dada ao baile de congos do Vale do Cricaré — região que compreende os municípios de Conceição da Barra e São Mateus —, manifestação cultural que é sobretudo uma espécie de enciclopédia virtual local, em que

cada verbete se encontra delegado a um morador da vila. Cada habitante desse lugar, seja idoso ou criança, tem uma história para contar, um mito ou uma lenda para lembrar. E o principal veículo local para essa transmissão de conhecimento é o ticumbi, que em sua dança, suas letras e sua música carrega histórias e lendas que atravessam séculos. Algumas dessas histórias vieram da África, outras surgiram nas senzalas e nos quilombos que ali já existiram e dos quais há hoje remanescentes; muitas falam da vila antiga, outras, da nova.

No ticumbi, as tradições locais e ancestrais são lembradas e recriadas infinitamente, ano a ano. É um processo familiar que passa de pai para filho, transpondo gerações. No centro dessa história está São Benedito, padroeiro dos negros, pobres e oprimidos, cuja imagem que se encontra hoje na vila se supõe ser a chave para o mistério do soterramento.<sup>5</sup> De acordo com alguns relatos, o ticumbi é criação de Silvestre Nagô,<sup>6</sup> negro escravo que, para animar seus pares, inventou os folgedos, rapidamente transformados em modo de lembrar e reviver o passado, fortalecer laços e identidades, manter e reconstruir memórias e de mobilização da própria comunidade que o produzia. Essas características se mantêm nos dias atuais.

## Personagens e indumentárias

O ticumbi possui estrutura hierárquica — reis, embaixadores e secretários — que conta a batalha mitológica entre o rei de congo, cristão, e o rei de bamba, pagão. Cada rei possui um secretário, e ambos possuem corpo de baile composto por dois guias, dois contraguias e número variável de congos, que representam os guerreiros das duas nações. Acompanha-os ainda um violeiro. Todos se vestem a caráter para a encenação, respeitando um modelo de indumentária. Usam longas batas brancas, rendadas, atravessadas por fitas coloridas. Vestem calças compridas brancas com ou sem frisos vermelhos. Cobrem a cabeça com lenço branco e coroa enfeitada com flores e fitas coloridas. Os reis usam coroas de papelão ornamentadas com papel dourado reluzente (às vezes, usam papel prateado), trazem peitoral espelhado com flores brilhantes e capa comprida, também florida. Para completar o figurino, carregam longa espada. Os dois secretários também usam capa e espada (o que os diferencia dos congos).

## Enredo

Composto por danças e cantos, as danças do ticumbi simulam o volteio dos guerreiros, numa



Luciana Alvarenga  
A procissão, 2010,  
arquivo digital  
Fonte: Alvarenga, 2011

espécie de combate gingado; os cantos são alternados com as falas dos reis e dos secretários, entoados em conjunto pelos congos das duas nações. Acompanha os cantos o som dos pandeiros e da viola, que dá o tom da música. O enredo se constitui na rivalidade dos dois reis negros (congo e bamba) que pretendem realizar a festa de São Benedito, o que só um deles poderá fazer. Os secretários levam os desafios de seus senhores ao rei rival, em ato denominado embaixada.

Como não há acordo entre as duas nações, a guerra é iniciada com luta bailada. Essa guerra inicial é denominada primeira guerra de reis congo ou guerra 'sem travá'. Em seguida, com a participação dos dois reis, realiza-se a guerra travada, na qual os reis batem espadas junto com seus secretários no centro de uma roda formada pelos congos. Ao final da guerra, o rei bamba é vencido, tendo que, junto com seus vassalos, submeter-se ao batismo. Terminando a encenação é realizada festa em honra ao rei de congo, quando se canta e dança o ticumbi.

Uma das características mais interessantes dessa manifestação é sua função de jornal narrado e atualizado da localidade em que está inserido. Como parte dos versos se modifica a cada ano, o mestre do ticumbi se utiliza desse trecho da apresentação para informar à comunidade local assuntos do passado ou da atualidade que ele considera relevantes. Podem ser temas de interesse local ou até mesmo de âmbito nacional ou internacional. É por intermédio dos reis, de seus secretários e do corpo de baile que os principais discursos – de ancestralidade, da vila antiga e da vila nova, da relação com o lugar, de identidade e de anseios da comunidade – são expressos em praça pública. É importante destacar que o ticumbi é processo vivo e paradoxal, pois simultaneamente mantém e recria o passado,

trazendo para dentro de seu enredo as histórias antigas e atuais da vila.

### **Imagens e memória da Vila de Itaúnas**

Dos acontecimentos às visualidades presentes nos vários dias da festa de São Benedito e São Sebastião, dos rituais desenvolvidos – do ensaio geral às dramatizações que ocorrem na vila –, das indumentárias ao próprio cenário com a igreja ao fundo, todo acontecimento hoje remete aos processos, ações, visualidades, características e eventos da festa na Itaúnas que foi soterrada. Como observado e relatado pela própria comunidade, em comparação entre as imagens fotográficas da primeira igreja da vila antiga e da igreja atual, pode-se afirmar que se trata de recriação,<sup>7</sup> e, conforme a informação geral dos moradores mais antigos, essa semelhança não foi casual; muito pelo contrário, houve deliberadamente um processo de reconstituição da que foi destruída pelas dunas no final da década de 1950. Nesse mesmo parâmetro é possível também observar que, após cerca de 50 anos do primeiro registro fotográfico existente, além de mais de um século de registro histórico oral, o ticumbi parece manter os padrões ritualísticos e de visualidade. De acordo com diversos depoimentos, falados e escritos, a indumentária praticamente não sofreu mudanças durante esse período. A ordem processual dos acontecimentos também se manteve intacta – da chegada das pessoas do entorno da vila, passando pelos ensaios nas roças, pela procissão fluvial e terrestre com os santos até a chegada à casa do festeiro –, entre diversas outras características que se mantêm praticamente inalteradas por mais de 100 anos até os dias atuais na nova Vila de Itaúnas.

Assim sendo, o ticumbi pode ser considerado obra estética equiparada a sucessivas cenas

cinematográficas, reprisada ano a ano (como um filme que é exibido uma vez por ano, todos os anos), ao mesmo tempo em que é reformulada a cada vez que é apresentada, por quem a assiste e por quem a produz. É nesse contexto que enquanto acontecimento ele se elabora como forma 'de estar em lugar de'. E é aí que mais intensamente se revela o imaginário não só através

do imaginado, mas, sobretudo, do fazer imaginar. O ticumbi se elabora através de meios essenciais e existentes de sustentação da sobrevivência dos acontecimentos da vila antiga, pois nos envia ao cenário da imortalização que há em seus afetos e em sua memória. A partir dessa constatação, percebe-se um de seus aspectos fundamentais, o comunicacional,<sup>8</sup> pelo qual são transmitidas



Em cima  
Luciana Alvarenga  
O ticumbi, 2010, arquivo digital  
Fonte: Alvarenga, 2011

Embaixo  
Luciana Alvarenga  
A guerra travada, 2010, arquivo digital  
Fonte: Alvarenga, 2011

as histórias que se consideram importantes, aquelas que a comunidade pretende mostrar como parte de seu imaginário e de seu passado (recente ou remoto), mediante transposições de narrativas em linguagens multifacetadas, presentes nos personagens, nos versos, nas músicas, nos cenários e nas encenações em praça pública. No momento da encenação, vestem-se apropriadamente, e esse cuidado com a apresentação visual, de se fazer entender pelo público – tanto os conhecedores como quem nunca assistiu à festa –, de se mostrar como parte de algo dramatizado, de um rito tradicional, apresentando um código de decoro segundo pauta de entendimento daquilo que “se quer dar a ver”.<sup>9</sup> No ato de encenar aquele indivíduo está se apresentando da maneira como ele gostaria de ser olhado e identificado pelas outras pessoas, ao mesmo tempo está criando uma imagem do que deve ser a vila no entender dele ou do grupo a que ele pertence.

A memória da vila antiga está presente em todas as etapas da dramatização, nos personagens e indumentárias, e, de forma pungente, nas letras do ticumbi, que pode, por esse aspecto, ser caracterizado como algo que realiza a passagem de um lugar a outro e reidentifica os dois lugares tornando-os um só. É essa transformação, essa transposição ou, melhor, essa síntese que caracteriza e identifica a festa como a de São Benedito e São Sebastião da Vila de Itaúnas. Assim, o ticumbi nos possibilita compreender aquilo que produz vínculos e elos, pois é o (re)ligare<sup>10</sup> – na Vila de Itaúnas essa ligação se constitui no presente, entre as pessoas envolvidas na festa, ainda que se trate também de ligação com os ancestrais e com sua própria história. E é nesse sentido que o momento também se contextualiza como uma celebração e, sobretudo, a representação disso, quando a vila se ‘transforma’ naquela que já não existe.

Antiga ou nova, para os moradores Itaúnas continua sendo a mesma, e é nessa festa que podemos perceber isso em toda a sua magnitude. Evidentemente, a vila nova não é a antiga, mas os moradores, com essa festa anual, querem dizer a quem quiser ouvir (na verdade, falam para eles mesmos) que as duas são uma só, ou melhor, não existem dois lugares, mas passado e presente. Assim como acontecia na Itaúnas antiga, essa vila soterrada que emerge simbolicamente a cada festa, todos os anos, sem nunca ter deixado de acontecer, nem no período mais crítico da história do soterramento, São Benedito é louvado e são contadas histórias consideradas importantes para a comunidade, recados são lançados, discussões são empreendidas a partir da encenação do ticumbi que é, simultaneamente, lugar da oração, da fraternidade, da crítica, da comunicação e do julgamento. É o lugar da família e da comunidade – é seu espelho. Quando a própria comunidade acompanha a encenação, ela enxerga sua imagem, seus valores, seu modo de vida, suas lembranças e sua história. Vê sua alegria e sua tristeza. Também ouve sua fala e sua música. Ao mesmo tempo em que remonta aos tempos imemoriais, o ticumbi remete ao futuro, às discussões sobre os conflitos existentes e sobre as melhorias que podem ser promovidas. Enquanto o passado é celebrado em atos dramáticos, no ticumbi se reescrevem os fatos históricos da Vila de Itaúnas, ou seja, o passado é celebrado, mas também reescrito e atualizado.

O passado, dessa forma, é recriado no próprio acontecimento do ticumbi. O relato do passado, por meio dessa ritualização, traz para o presente, no momento da enunciação, o tempo e o espaço – a vila antiga surge reinterpretada, corporificando manifestações de um passado ainda vivo, que deixa de ser passado e passa a ser presente. E é

nesse contexto que ocorre a mediação entre o espaço, o tempo e o mundo dramatizado da vila soterrada. As cenas presentes são refletidas no conjunto das imagens acionadas do passado, um passado revisitado e revivido durante o ticumbi. Os discursos sobre o passado celebram as tradições que são revivenciadas e reatualizadas no novo espaço, no tempo de convivência do agora.<sup>11</sup>

## NOTAS

**1** A Vila de Itaúnas é a sede do distrito homônimo, na zona rural do município de Conceição da Barra, na microrregião do litoral norte do Espírito Santo. O distrito faz divisa com os distritos de Conceição da Barra e Braço do Rio, no mesmo município já citado e, ao norte, faz divisa com o Estado da Bahia. A vila atual está localizada a cerca de 700 metros da antiga, na margem direita do Rio Itaúnas. Dista cerca de 27km da sede do município de Conceição da Barra, 53km de São Mateus e 260km da capital do estado, Vitória.

**2** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Contagem da população 2007: agregado por distritos*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

**3** A noção de tradição pressupõe permanências que podem ser auditivas (faladas, cantadas, narradas) e visuais (expressões corporais, gestos, paisagens, etc.), referências a elementos que transportam ao passado. As tradições, porém, estão em permanente mudança, de acordo com o contexto e a situação vivida; por meio de processos de ressignificações, as tradições são utilizadas como estratégias discursivas de continuidade do “passado histórico adequado”. Hobsbawn, E.; Ranger, T. (Org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

**4** O ticumbi é encenação que acontece na modalidade de congos ou congada no Espírito Santo, município de Conceição da Barra, tendo bailado final

que denomina o auto. Os reis de congo e bamba, seus secretários e corpo de baile representam os guerreiros de duas nações que lutam pelo direito de festejar São Benedito. Cascudo, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Editora da USP, 2001.

**5** A história oral local conta que a antiga vila foi amaldiçoada depois que retiraram a imagem de São Benedito da antiga igreja, fato promovido pela elite branca que ali não queria um santo negro.

**6** Líder revolucionário dos tempos da escravidão presente na memória local até os dias de hoje.

**7** Alvarenga, L. *A festa e as representações culturais do ticumbi: imagens e tradições da Vila de Itaúnas (ES)*. Tese de Doutorado. Escola de Belas Artes/UFRJ, Rio de Janeiro:UFRJ, 2011.

**8** Geertz, C. A arte como sistema cultural. In. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997:142-181.

**9** Martins, J. de S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2009:14-15

**10** Duvignaud, J. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

**11** Esse contexto foi apresentado em pesquisa que trata das representações do passado no culto aos mártires de Cunhaú realizada por Oliveira, L. A. O teatro da memória e da história: Alguns problemas de alteridade nas representações do passado presentes no culto aos mártires de Cunhaú, RN. *Mneme – Revista de Humanidades*. v.4, n.8, abr./set. 2003.

**Luciana Alvarenga é professora-assistente da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutora em Artes Visuais (Imagem e Cultura) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.**